

## VILLEGAGNON E A FRANÇA ANTÁRTICA: UMA REAVALIAÇÃO

Paulo KNAUSS

O livro em apreço, de Vasco Mariz e Lucien Provençal (Rio de Janeiro, Nova Fronteira/Biblioteca do Exército, 2000) com apresentação de Arno Wehling) é muito bom, pois apresenta uma biografia circunstanciada da Europa da época e, em especial, da França. Sem dúvida, é o melhor mérito do trabalho, pois esse é o grande desafio dos estudos coloniais, na minha opinião. Devo sublinhar que colocar Villegagnon na história e sem romancear, como tantos no Brasil já fizeram, foi uma tarefa muito bem realizada. É a primeira biografia, de fato, de Villegagnon no Brasil. Do meu ponto de vista, julgo que na historiografia contemporânea cada vez é mais difícil reconhecer a objetividade do acontecido. História é experiência e, portanto, as distintas visões dos atores sociais podem e devem ser valorizadas.

Isso dito, parece muito oportuno destacar o fato de que os franceses não sobrevalorizam a batalha de 1560, enquanto os portugueses se contrapõem a isso. Trata-se de um combate pelo fato real, pois as diversas versões estão sempre sendo reconstituídas. Devemos sublinhar o contraste das proporções e assim o bom leitor saberá medir que o acontecido ficou entre o minimalismo francês e o exagero lusitano. Mas chamo a atenção para a gravura de André Thevet do combate: ela é a imagem de uma grande batalha e isso pode ser uma pista para admitirmos que, considerando as proporções da época e do mundo colonial, certamente a luta foi importante. E se considerarmos o envolvimento das forças indígenas, aí então teremos outra proporção maior ainda. O relato de Mem de Sá, nos seus instrumentos publicados nos Anais da Biblioteca

Nacional, talvez possa ser complementar aos textos de Anchieta sobre o assalto final ao forte de Coligny.

Quanto aos sobreviventes franceses, considero que talvez eles não fossem apenas os fugidos da ilha,<sup>6</sup> mas também aqueles que estavam isolados desde 1557, oriundos do grupo genebrino e do grupo de Cointa. Além disso, não é possível afirmarmos inteiramente que o comércio francês com o Brasil, entre 1560 e 1567, tenha sido interrompido. O projeto da feitoria estava destruído, mas isso não significa que a possibilidade do comércio colonial não tenha perdurado, pois afinal de contas bastava o consentimento dos índios e a mediação de um intérprete eventual. Portanto, é bem possível que os últimos franceses a chegar ao morro da Glória fossem oriundos da ilha, e encontraram por certo muitos outros que ali estavam com outra origem. É indiscutível que Cointa auxiliou os portugueses no combate, indicando as condições defensivas das forças francesas com descrições da ilha e do arsenal.

Não concordo, porém, com aqueles que aceitam a idéia da fundação da cidade francesa de Henriville.. Considero que precisamos buscar uma definição de cidade, seja pela sua densidade populacional (critério demográfico), seja pela infra-estrutura (critério da engenharia urbana), seja pela identificação da produção secundária ou terciária (critério econômico), seja pelo fato de ser sede do poder (critério político). Não me parece que se possa aplicar qualquer desses critérios acerca de Henriville. Considero que há ali um projeto de cidade, uma intenção de fixar contingentes populacionais, estabelecer uma infra-estrutura (a olaria), fixar atividades econômicas específicas, instalar uma instituição política. Ora, tudo isto não passou de projeto ou intenção. Portanto, é difícil falar na fundação de uma cidade. Diria que foi uma povoação, o embrião de uma ocupação da área que corresponde à atual cidade do Rio de Janeiro. E que não chegou a assumir um perfil definido. Estas considerações, entretanto, em nenhum momento discordam dos fatos enumerados pelos autores para afirmar a existência de Henriville, ainda que defendam uma outra conceituação.

Confesso que antes tinha dúvidas sobre Henriville, mas hoje não as tenho mais, a partir da leitura do livro em pauta. E agradeço muito essa contribuição. A dúvida que coloco é a mesma acerca de Cananéia, que pode ser considerado o primeiro povoamento do Brasil, mas não a

primeira cidade, que indubitavelmente foi a vila de São Vicente, ou a rigor podemos considerar apenas Salvador. É o conceito operado que muda a definição. Ao terminar esta rápida resenha, devo dizer que a leitura deste livro representou para mim, nos últimos tempos, uma grande fonte de alegria. E como o espaço e o tempo são limitados, preferi concentrar meus comentários nesses dois pontos importantes para o estudo da França Antártica.